

Clóvis Bornay: singular e múltiplo

Clovis Bornay: singular and multiple

Mario de Souza Chagas¹

DOI 10.26512/museologia.v11i21.41985

53

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

Este artigo trata da concepção, pesquisa, produção e execução da exposição *Clóvis Bornay- 100 anos*, inaugurada em 2016 no Museu da República (MR). Procura, com isso, discutir as comemorações do centenário de uma das maiores celebridades do mundo museal brasileiro contemporâneo, compreendendo Bornay como um precursor em diversos sentidos da relação entre a Museologia e a atual questão LGBTQIAP+.

Palavras-chave

museologia; LGBT; exposição; Clóvis Bornay.

Abstract

This paper is dedicated to the conception, research, production and execution of the exhibition *Clóvis Bornay- 100 years*, inaugurated in 2016 at the Museu da República (MR). It seeks, therefore, to discuss the centenary celebrations of one of the greatest celebrities in the contemporary Brazilian museum world, understanding Bornay as a precursor in several senses of the relationship between Museology and the current LGBTQIAP+ issue.

Keywords

museology; LGBT; exhibition; Clóvis Bornay.

No dia 26 de janeiro de 2016, à noite, foi inaugurada no Museu da República (MR) uma exposição comemorativa do centenário de uma das maiores celebridades do mundo museal brasileiro contemporâneo: Clóvis Bornay. A concepção, a pesquisa, a produção e a execução da exposição exigiram mais de dois anos de trabalho dedicado e envolveram toda a equipe.

Porque essa exposição foi realizada no Museu da República? A rigor, Clóvis Bornay, trabalhador público lotado no Museu Histórico Nacional (MHN), tem a sua memória indelevelmente vinculada ao Museu da República.

A equipe do MHN sob a direção do escritor Josué Montello foi responsável pela criação do Museu da República, inaugurado no dia 15 de novembro de 1960. Bornay participou deste processo. Esteve envolvido com a criação da primeira exposição; participou de sua cerimônia de abertura e registrou o seu nome em letras garrafais no livro de inauguração, anotando ao lado “conservador de museu”. Além disso, Clóvis acompanhou com atenção o Museu da República e em seus jardins realizou eventos pioneiros e expressionistas como,

¹ Poeta. Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Licenciatura em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrado em Memória Social pela UNIRIO (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela UERJ (2003). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia - MUSAS e criador do Programa Editorial do IBRAM. Atualmente é diretor do Museu da República do Instituto Brasileiro de Museus, presidente do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), professor colaborador do Programa em Pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor visitante do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio.

Clovis Bornay:
singular e múltiplo

por exemplo, a teatralização carnavalesca² da 1ª Missa no Brasil (1969)³. Hoje o registro fílmico desse evento, por pioneiro que fosse, merece críticas firmes, especialmente (e não apenas) em virtude do áudio de voz que o acompanha e que, numa espécie de locução governamental, completamente chapa branca, deprecia e subalterniza os povos indígenas e supervaloriza o colonizador europeu. Não quero passar rápido por esse ponto.

A crítica se impõe de um modo delicado. O registro fílmico tem um bom material para debate. Se de um lado, comunidades LGBTQIAP+ podem se sentir representadas por Clóvis Bornay; por outro, os povos indígenas, com certeza, não se sentirão representados nas narrativas do pequeno filme. Eis um bom tema para reflexão. Não raras vezes o conservadorismo de plantão se esforça em construir oposições e cizânias entre possíveis aliados e é capaz de promover um apoio tático a um indivíduo ou a um grupo social, produzindo idealizações e mentiras sobre outro grupo social ou étnico. Por esta pinguela, avança-se produzindo dissensos, distorções, desinformações e, no limite, ódios, desamores.

Clóvis era o contrário disso tudo. Em boa medida ele era uma encarnação amorosa, afetiva, libertária, alegre e popular.

II

As pautas identitárias são fundamentais, elas trazem o novo, o alento; elas recuperam o espírito revolucionário. Ainda assim, é indispensável colocar em diálogo o singular com o universal. Não podemos e não devemos abandonar as pautas identitárias, mas, talvez, devêssemos investir em identificar pontes entre o universal e o singular.

Já agora, eu gostaria de chamar para a nossa conversa, que vem de longe, o filósofo Gerd Bornheim que acrescenta às categorias de universalidade e singularidade, seguindo Georg Lukács, a de particularidade, e diz: “os conceitos de universalidade e singularidade se pertencem dialeticamente (...). Acontece que entre estes dois extremos contrários verificam-se mediações (...)”. Mediações que se expressam na categoria denominada “particularidade”. Avançando um pouco mais, este singular filósofo brasileiro é ainda mais claro: “através do singular, o universal alcança configurar um particular determinado, concreto. E pelo universal, o singular abandona o seu confinamento para instituir um particular no qual se pode ler também o universal”⁴.

Quero crer que é preciso e possível construir e pavimentar pistas que não anulem o singular, nem o universal, mas que, ao contrário, coloquem em conversa estas categorias e suas derivações práticas e ainda sirvam para a produção criativa de pequenas e grandes transformações sociais apontadas na direção da democracia, da participação social, da cidadania, dos direitos humanos e da natureza e, em consequência, favoreçam a construção de novas políticas públicas de cultura, arte, saúde, educação e ciência.

2 Ver o vídeo que faz parte do acervo do Arquivo Nacional: <https://www.facebook.com/arquivoemcartaz/videos/664197958294007>

3 Em 1969 Jenny Dreyfus era a diretora do Museu da República.

4 Ver BORNHEIM, G. *O idiota e o espírito objetivo*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998, p.187-188.

III

A memória de Clóvis Bornay está associada ao Museu da República por tudo que fez em termos de ações concretas, mas também em virtude de sua presença no acervo do Museu.

De algum modo, Bornay foi musealizado. Aqui a referência incide sobre um item especial do Arquivo Histórico do Museu da República, qual seja: o seu *ex-libris*. Trata-se de uma peça desenhada por sua professora Jenny Dreyfus⁵.

A ficha técnica indica que a impressão é “a negro sobre papel cinza” pelo processo de zincografia. A imagem apresenta no canto superior esquerdo a expressão *ex-libris* em cartela, abaixo e ao centro um cavaleiro montado em cavalo rompante, ambos com cabeça emplumada e camadas de tecido pelo corpo. Ele conduz uma lança em riste, apontada para frente, inclinada para cima, com bandeira abrasonada pendurada na ponta. Contornando o escudo em “x” da bandeira é possível ler a divisa: *Bonum facito, aures claudito*. Em tradução livre: “fazer o bem, de ouvidos fechados” ou “fazer o bem, sem esperar retorno” ou numa versão popular: “fazer o bem, sem olhar a quem”. Ao pé das patas traseiras do cavalo empinado aparece o nome “Clóvis Bornay”. No canto inferior direito lê-se a assinatura da autora: “Jenny”.

Há alguma coisa idealizada e romântica, alguma coisa de fantasia e gosto popular nesse cavaleiro medieval; uma espécie de São Jorge ou Dom Quixote, sem Dragão ou Sancho Pança visíveis. Qual a origem da divisa embandeirada? Porque Bornay a teria adotado? Será uma divisa de família? Em que medida Clóvis teria identidade e teria vivido em sintonia com esta divisa? Porque Jenny Dreyfus a teria registrado? A memória de alguns profissionais do mundo museal indica que a professora e pesquisadora Jenny teria sido a sua grande protetora⁶ e teria deixado para ele como herança um apartamento em Copacabana.

Temos muitas perguntas, mas não temos condições de respondê-las, todas, neste breve artigo. A partir deste texto, queremos estimular novas pesquisas em torno de Clóvis Bornay. Queremos contribuir para que o silêncio e o esquecimento acadêmico em torno desse intelectual-museólogo-singular sejam enfrentados com liberdade, sem preconceitos. Em outras palavras: queremos combater com veemência a tentativa da museologia negacionista, querer contornar o estudo da memória e da história de Clóvis Bornay.

IV

O *ex-libris* de Clóvis Bornay foi um dos dois pontos de partida para a construção da exposição comemorativa do seu centenário de nascimento.

O outro foi o convite dos editores da Revista Memória LGBTQ+ para que eu escrevesse três pequenos artigos sobre o museólogo *Hors Concours*. Os

5 Jenny Dreyfus nasceu, em Pelotas (RS), a 10 de setembro de 1905. Em 1940 diplomou-se no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. Entre 1946 e 1975 foi professora de sigilografia, filatelia, artes menores e decorativas e, em paralelo, atuou como conservadora de museus. Assumiu a direção do Museu da República, logo após a sua inauguração, em novembro de 1960, e permaneceu nesta função até 1975. Jenny foi uma aplicada colecionadora e chegou a reunir 1511 *ex-libris*, doados por ela mesma ao MR, em 1976. Oxalá! Este artigo inspire estudos e pesquisas sobre a referida coleção.

6 Não faz parte dos objetivos deste texto examinar as relações entre Clóvis Bornay e Jenny Dreyfus. Por hora basta saber que havia entre eles, para além de uma relação de professora-estudante, amizade e respeito. Examinar as múltiplas conexões entre os dois poderá nos ajudar a compreender o amadurecimento e o avanço da performance museal carnavalesca de Clóvis Bornay. Fica aqui mais uma sugestão para pesquisas futuras.

Clovis Bornay:
singular e múltiplo

artigos foram escritos e publicados em 2015. O primeiro foi publicado na edição “Ser Lésbica na Favela” e denominou-se: “Clóvis Bornay, museólogo, artista e carnavalesco – 100 anos”⁷. Ali foi registrado um depoimento muito pessoal e singular. O segundo foi publicado na edição “Ser Gay na Favela” e denominou-se: “Clóvis Bornay: o profissional e o personagem”⁸. O texto cuidou de apresentar notas biográficas. O terceiro foi publicado na edição “Ser Trans na Favela” e recebeu o título: “Clóvis Bornay – singular e múltiplo”⁹.

Como se poderá ver mais adiante, a produção desses três pequenos artigos que, a rigor, implicaram em pesquisa, reflexão, análise de memórias pessoais, aliada à descoberta do *ex-libris* mencionado construíram as bases para o projeto expográfico.

V

Os três textos citados funcionaram como guião e o *ex-libris* como inspiração para a exposição inaugurada em janeiro de 2016 e mantida em cartaz até maio do mesmo ano.

É possível dizer que a exposição teve boa acolhida crítica nos mais diversos meios de comunicação, incluindo as redes sociais. Ainda hoje (2022), as pessoas interessadas em compreender o que foi a exposição dos 100 anos de Clóvis Bornay no Museu da República, caso queiram fazer buscas simples na internet terão boas surpresas.

No meio museológico, uma ou outra voz, apresentou crítica previsível e sem grandes impactos. Uma dessas críticas exigia mais do MR. Tratava-se de uma crítica relevante. Mas, como fazer mais se nada havia sido feito, até aquela data, para celebrar o centenário de Bornay. A crítica foi bem absorvida e a ativação da exposição, por meio da XXX Jornada Republicana e de outros eventos culturais, possibilitou radicalizar as ações do Museu em torno do tema LGBTQI+. De concreto ficou a compreensão de que a personagem Clóvis Bornay até hoje mobiliza afetos, alegrias, mídias e, talvez, algum desconforto nos setores mais conservadores.

VI

A XXX Jornada Republicana nasceu da parceria entre o Museu da República e o Comitê de Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia e ocorreu no dia 29 de março de 2016, entre as 16 e 20 horas, sob o título **Clóvis Bornay - 100 anos: Homofobia e Memória LGBT**.

A programação apresentou o seguinte roteiro¹⁰:

16h - Visita à exposição Clóvis Bornay - 100 anos

16h40 – Primeira Mesa Redonda

Carlos Tufvesson – Estilista. Estudou moda na Domus Academy (Itália) e na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro. Responsável pela Coordenação Especial da Diversidade Sexual no Rio de Janeiro.

7 Ver o link: <https://pt.calameo.com/read/001105595ed4dffe465ad>

8 Ver o link: <https://pt.calameo.com/read/00110559543451edc76c2>

9 Ver o link: <https://pt.calameo.com/read/0011055957d6e25315d55>

10 As breves notas biográficas publicadas em 2016 foram mantidas aqui neste texto. Elas não correspondem ao currículo atual das pessoas citadas.

Thusnelda Frick - Economista e turismóloga. Chefe de Gabinete da Autoridade Pública Olímpica. Foi representante da International Gay and Lesbian Travel Association.

Jorge Luís P. Rodrigues (Caê) - Doutor em Letras/Literatura Comparada, professor e coordenador do IFRJ. Autor dos livros: “Anos Fatais - design, música e tropicalismo” e “Impressões de Identidade - um olhar sobre a imprensa gay no Brasil”.

18h – Segunda Mesa Redonda

Jean Baptista - Doutor em História - PUC-RS e professor da UFG. Coordenador de Inclusão e Permanência (Prograd-UFG/COMUSAS) e do Programa de Ações Afirmativas da UFG. Integrante da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil e da Rede de Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Museologia Social RS.

Tony Boita – Museólogo e professor da UFG. Editor da Revista Memória LGBT, articulador da Rede LGBT de Memória e Museologia Social (COMUSAS) e coordenador do projeto Patrimônio Cultural LGBT e Museus: mapeamento, limites e possibilidades de memórias negligenciadas.

Bruno César Brulon Soares - Doutor em Antropologia - UFF-RJ. Mestre em Museologia e Patrimônio - Unirio/Mast. Bacharel em Museologia e História. Professor da Unirio e Coordenador do Curso de Museologia Integral (a partir de 2014). Vice-presidente do Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM do Conselho Internacional de Museus - ICOM.

Inês Gouveia - Mestre em Memória Social (PPGMS/UNIRIO) e doutoranda em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO) e participante da Rede LGBT de Memória e Museologia Social.

Mediação: Mario Chagas - professor da Unirio/Coordenador Técnico do MR.

Após o encerramento da referida Jornada a artista Yonne Carr, capa da Revista “Ser Trans na Favela”, apresentou no Espaço Educação do MR uma performance teatral-musical impactante, comovente, sensível, poderosa.

VII

A exposição foi construída a partir de uma introdução e três módulos. A apresentação levava o título da exposição: **Clóvis Bornay – 100 anos**. Os três módulos repetiam musicalmente o nome da personagem e denominavam-se: I. Clóvis Bornay – o Profissional e o Personagem; II. Clóvis Bornay – o Mestre das Fantasias e III. Clóvis Bornay – Singular e Múltiplo.

A introdução cuidava de dizer que o museólogo, carnavalesco, ator, cantor, pesquisador, professor, organizador de exposições, criador de bailes e fantasias, agitador cultural e militante do movimento LGBTQI+, internacionalmente conhecido, nasceu no dia 10 de janeiro de 1916, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, mas só foi registrado um ano depois.

O Museu da República, que até 1983 esteve vinculado ao Museu Histórico Nacional, foi um dos seus espaços museais de atuação privilegiados, inclusive porque sua primeira diretora foi Jenny Dreyfus. No Museu da República Clóvis trabalhou como museólogo e chefiou seções. Esse vínculo, nem sempre explicitado, serviu de mote para a realização da exposição.

VIII

O primeiro módulo **Clóvis Bornay – o profissional e o personagem** informava que a paixão pelo carnaval nasceu em sua juventude e se manteve acesa ao longo da vida. Essa paixão mobilizou sua energia para propor à direção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, inspirado nos desfiles de máscaras de Veneza, a realização de Bailes de Gala com concursos de fantasias e

Clovis Bornay:
singular e múltiplo

premiações em diversas categorias. A proposta foi aceita e no carnaval de 1937 ocorreria a primeira edição da festa, que se tornaria tradição no calendário do Teatro Municipal até 1972, quando foi interrompida em virtude da necessidade de preservação do patrimônio arquitetônico.

Em seu depoimento para o Museu da Imagem e do Som, gravado no dia 7 de maio 1997, no âmbito do projeto “Personalidade”, Clóvis apresenta a sua versão e diz:

“fui ao Teatro Municipal, ao diretor do teatro Maestro Silva Pierre Chile e pedi um concurso de fantasias; porque eu já tinha ganho no Fluminense aquilo me despertou uma curiosidade, uma vontade muito grande de aparecer novamente em público”¹¹.

Com 21 anos, Bornay foi o vencedor do primeiro desfile no Teatro Municipal, com uma fantasia denominada “Príncipe Hindu”. E nos anos seguintes foram tantas as vitórias que em 1961 ele foi elevado à categoria de participante *Hors Concours* (Concorrente de Honra) e deixou de participar das disputas.

A paixão pelos museus e pela museologia se revelou claramente quando Clóvis se matriculou em 1944, no Curso de Museus no Museu Histórico Nacional (MHN), onde se formou em 1946. Museologia e carnaval parecem ter alimentado a sua alma. Muitas pesquisas realizadas no museu se transformaram em fantasias e muitas experiências de carnaval foram levadas para o museu. Um dos bons exemplos é o seu artigo publicado no volume XV dos Anais do Museu Histórico Nacional, em 1965, denominado “Estácio de Sá – primeiro conquistador e fundador desta terra e cidade”¹² e a célebre fantasia “Estácio de Sá”, comemorando o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Profissional e personagem andavam juntos, mas ainda assim, ele dizia: “Ser museólogo não é nada; mais difícil é ser Clóvis Bornay todos os anos nas passarelas”.

IX

O segundo módulo **Clóvis Bornay: o mestre das fantasias** indicava que ele era filho de mãe espanhola e pai suíço dedicado ao comércio de joias e que também era o caçula de doze irmãos. Freqüentador dos bailes do Fluminense Futebol Clube, ainda menino, por volta de 1928, com o apoio da mãe, manifestava interesse e vocação para a vida de folião.

Em seu referido depoimento para o Museu da Imagem e do Som Clóvis Bornay afirma:

Me dediquei muito cedo ao carnaval e depois na idade escolar fui aluno de escola pública e depois fiz Museologia na faculdade do Museu Histórico Nacional e nessa casa, depois de formado, prestei concurso para o serviço público, fui nomeado Técnico em Assuntos Culturais e trabalhei durante 42 anos, quando pedi minha aposentadoria. E no carnaval desde que nasci por causa da influência do meu nome, já me fantasiavam de palhacinho, de clóvis e foi uma constante. Conheci o carnaval primitivo, ainda no tempo do Zé Pereira, conheci os ranchos, conheci as grandes sociedades e com passar do tempo os bailes que se realizavam nos grandes clubes do Rio de Janeiro: Escola Naval, Automóvel Clube, Fluminense Futebol Clube que foi o meu primeiro prêmio em 1928; no Fluminense

¹¹ Ver depoimento que faz parte do acervo do Museu da Imagem e do Som.

¹² Ver o link: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=Estacio%20de%20Sa&pagfis=13453>.

Futebol Clube fantasiado de Cossaco¹³ pedi, não pedi, eu apanhei a carteira de sócio atleta do meu irmão, fui ao Fluminense desfilei na passarela com muita graça, com muito entusiasmo, dançando Russo e ganhei o prêmio, e na quarta-feira de cinzas saía publicado no jornal *A Noite*: ‘Pedimos a devolução do prêmio porque a pessoa classificada não é associado do clube’. O Fluminense sempre foi um clube metido... [risos] cheio de histórias né, e eu não devolvi o prêmio e digo ‘Não, eu ganhei, não devolvo’ e ganhei uma surra do meu irmão porque ‘Eu vou perder o título de sócio atleta, por causa de uma bobagem de um prêmio de carnaval’ e assim iniciou-se a minha vida dentro do carnaval.

A citação é longa, ainda que necessária para compreender a construção da personagem e para perceber como em pouco tempo Clóvis se transformou num mestre das fantasias de carnaval, com reconhecimento nacional e internacional. Ano após ano buscava a superação de suas criações anteriores e animava os desfiles e os Bailes de Gala do Teatro Municipal ao lado de Evandro de Castro Lima, Mauro Rosas, Wilza Carla, Jésus Henriques, Violeta Botelho, Nucia Miranda, Marlene Paiva, Guilherme Guimarães e outros.

Parte de seu acervo pessoal, incluindo 21 fantasias originais, diversos croquis, fotografias, desenhos, livros, manuscritos e homenagens recebidas foi incorporada ao Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro¹⁴, por indicação de suas filhas e herdeiras. Desse expressivo conjunto, uma pequena parte foi apresentada na exposição do Museu da República. Estamos falando de quatro fantasias: Arlequim, Plenitude da Harmonia Universal, Cardeal Richelieu e Dalai Lama e também de dezenas de fotografias, desenhos e manuscritos, além de vídeos e depoimentos, com destaque para o vídeo-depoimento de uma de suas filhas, que de modo emocionado, falou sobre o pai Clóvis que participou de sua vida escolar e que a animava para os estudos. Estamos falando de Tainá Bornay, Tainá (a caçula), Karine Bornay (a mais velha) e Patrícia Bornay (a do meio) são as três filhas adotadas por Clóvis. Para não deixar dúvidas sobre o seu legado familiar ele casou-se em 1990 com a mãe de suas filhas adotivas que passou a assumir o nome de Marilene Moura Ferreira Bornay¹⁵.

A relação entre Tainá e Clóvis é evidente e forte, em seu braço esquerdo ela leva de modo definitivo a tatuagem “Bornay”, à guisa de assinatura.

X

O terceiro módulo **Clóvis Bornay: singular e múltiplo** falava de uma figura alegre, generosa, descontraída, culta, sorridente e dançante, assim Clóvis foi muitas vezes descrito por seus amigos, alunos, professores e admiradores. Por mais romantizada que essa descrição possa ser, é incontornável o reconhecimento de que ele era múltiplo e em sua multiplicidade era singular e que, por essa vereda, consolidou a sua particularidade.

Depois de alcançar a celebridade nos desfiles de fantasia, nos Bailes de Gala, Clóvis Bornay assumiu um novo desafio. Na multiplicidade de si assumiu-se como carnavalesco do Salgueiro (1966), da Unidos de Lucas (1967, 1968 e 1969), da Portela (1969 e 1970), da Mocidade Independente de Padre Miguel (1972 e 1973) e da Unidos da Tijuca (1973).

13 Nota da transcrição: Roupa tradicional da Rússia.

14 Sem a parceria do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro a exposição não teria se realizado.

15 Informações fornecidas por Tainá Bornay.

Clovis Bornay:
singular e múltiplo

Foi durante sua atuação à frente do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, em 1970, com o enredo “Lendas e Mistérios da Amazônia” (reprisado em 2004), que se consagrou como campeão. Além de carnavalesco, museólogo, professor e pesquisador teve atuações em diversas outras áreas:

Cinema - participou como ator nos filmes Terra em Transe (1967), de Glauber Rocha e Independência ou Morte (1972), de Carlos Coimbra;

Televisão – destacou-se como parte do corpo de júri em programas do Chacrinha, Flavio Cavalcanti e Silvio Santos;

Música – além de compositor, gravou como intérprete marchinhas de carnaval em alguns discos;

Futebol – foi fundador, em 1979, da torcida organizada Fla-Gay;

Militante – aos 88 anos, em 2004, participou da Parada do Orgulho LGBT, em Copacabana.

São essas diversas faces e esse caleidoscópio de personagens que me levam a dizer que Bornay era singular e múltiplo. Clóvis não pode ser reduzido a uma contemporaneidade qualquer. Com certeza, ele não seria quem foi se não fosse homo-afetivo, homossexual, gay; mas ser gay, homossexual e homo-afetivo não são condições suficientes para gerar alguém como Clóvis. De outro ângulo, entre o singular e o universal Clóvis é uma mediação, é um particular, é uma inovação em movimento.

No carnaval, na museologia, na arte, na cultura pop Clóvis é uma personagem que transborda e vai além de si e da sociedade em que viveu. Talvez eu gostasse de dizer que Clóvis é uma esfinge desafiadora (ou me decifras ou te devoro).

XI

A exposição **Clóvis Bornay – 100 anos** recebeu muitos anônimos e algumas celebridades. As filhas de Bornay, acompanhadas da mãe, visitaram a exposição. Isabelita dos Patins visitou e registrou presença e elogiou a iniciativa. Uma senhora negra, com estereótipo de pobreza, visitou a exposição. Por sorte eu cruzei com ela no Palácio do Catete, durante a sua visitação. Percebi o seu interesse pouco comum e sua atenção especial para as fantasias e para as fotografias. Fiz uma aproximação e uma abordagem delicada. Ela me disse que tinha sido costureira de Clóvis Bornay e que foi ao Catete apenas para ver a exposição. Pedi o seu nome, o seu contato, um telefone, um email, mas para todos os meus pedidos ela tinha uma negativa delicada e que me constrangia. Acabei aceitando os seus argumentos. O importante ali era a potência da sua presença.

XII

Compreender a personagem Clóvis Bornay, criada por Clóvis, não é uma tarefa fácil. A personagem é complexa. Se, por um lado, é libertadora e decolonial; por outro também é conservadora e repetidora de matrizes coloniais. A esse respeito basta ver e ouvir o vídeo anteriormente citado; bem como o

depoimento gravado em 1997 para o Museu da Imagem e do Som. Nesse ponto, talvez seja possível dizer que Clóvis é mesmo uma esfinge, a ser decifrada pelos que não têm medo da Cultura, da Ciência, da Arte e da Criação. Decifrar o enigma que Clóvis nos propõe talvez seja um dos caminhos possíveis para a compreensão do Brasil.

No depoimento acima citado o museólogo-carnavalesco faz referência à proposta da prefeitura de Friburgo para a criação do Museu Casa Clóvis Bornay. Teria sido excelente a criação desse museu para nos ajudar a compreender a personagem e a decifrar a sua trajetória de vida. Passaram-se mais de 25 anos e nada foi feito. Hoje penso que esse desafio é nosso e deve ser assumido de modo radical pelo campo museal. Talvez um bom caminho seja a criação de um Museu Virtual.

XIII

Clóvis vivenciou a experiência de ser filho. Essa é uma história bem conhecida. Fala-se muito pouco, no entanto, sobre a sua experiência como pai e ainda menos de seu casamento por doação de si. A rigor, Clóvis doou para a família adotada aquilo que recebeu de doação e ainda muito mais. Doou a si mesmo, incluindo o seu nome.

Voltamos ao *ex-libris* criado e desenhado por sua professora Jenny Dreyfus; voltamos à divisa: *Bonum facito, aures claudito*, “fazer o bem, de ouvidos fechados” ou “fazer o bem, sem esperar retorno”. Aparentemente, nos aspectos mais reservados e singulares de suas vidas, tanto Clóvis quanto Jenny, parecem ter adotado esta divisa como orientação. Ainda assim, é importante observar a necessidade de ir além dessa divisa e combater fortemente o racismo estrutural e afirmar a cidadania e a democracia radical. Além de fazer o bem é preciso combater aqueles que operam na lógica da necropolítica e do ódio. Fazer o bem sem se preocupar com o que acontece a sua volta, pode implicar na anulação do bem que foi feito e, eventualmente, na vinculação do bem ao mal feito.

XIV

Meu primeiro contato com o Museu Histórico Nacional e minha primeira aula no Curso de Museologia, então sediado no referido museu, aconteceu em 1976, mediados por Clóvis Bornay. Na ocasião cheguei muito cedo ao MHN e, por longo tempo, aguardei a abertura das portas de acesso ao Curso de Museologia que se abriam muito antes das portas de acesso ao museu. Depois de termos formado uma turma, fomos recebidos por Clóvis Bornay. Lembro-me muito bem dos seus gestos, das suas formas de expressão, do tom de sua voz, da sua dicção.

Não me lembro do conteúdo histórico e museológico da visita guiada por Clóvis Bornay, ainda que ele tenha falado muito sobre o Brasil Colônia, sobre o Brasil Holandês, sobre príncipes e princesas; mas lembro-me do seu carinho, da sua alegria, da sua dedicação, do seu amor por aquilo que fazia. Muitas e muitas visitas que guiei no Museu Histórico Nacional e em alguns outros museus tinham por referência aquela visita ancestral, tão especial, espontânea e fora do previsível.

Não me lembro de quantos estudantes estavam ali reunidos, acompanhando a visita de Clóvis Bornay, mas lembro-me que não nos conhecíamos e que a maioria de nós conhecia o Clóvis. Éramos um grupo de anônimos recebido por uma celebridade que navegava num mundo todo especial. Aquela entra-

Clovis Bornay:
singular e múltiplo

da no Curso de Museologia não poderia ser mais extraordinária. Para mim, ela veio a significar o vínculo com a vida. Mais tarde, dois ou três anos mais tarde, incorporei em minha vida e em meus argumentos a ideia do museu e da museologia biófila em contraposição à ideia do museu e da museologia necrófila.

Quando fui recebido e guiado por Clóvis Bornay no MHN é evidente que eu já sabia quem era ele. Ali estava o cara! Ali estava o *Hors-concours* em termos de fantasia de carnaval! Nessa altura, eu morava na fronteira entre Rocha Miranda, Honório Gurgel, Marechal Hermes e Madureira (tudo isso faz parte do Sertão Carioca). Um dos principais caminhos para sair de minha casa em direção à cidade (era assim que se falava), em direção ao Museu Histórico Nacional, era a Estrada do Sapê, que passava em frente ao Grêmio Recreativo Escola de Samba da Portela. Clóvis Bornay havia sido o carnavalesco campeão do ano de 1970, na Portela, com o enredo “Lendas e Mistérios da Amazônia”. O samba desse enredo é um dos melhores sambas-enredos de todos os tempos.

Referências

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

BENJAMIN, W. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BORNAY, Clóvis. Depoimento. Acervo do Museu da Imagem e do Som. Gravado no dia 7 de maio 1997, projeto “Personalidade”.

BORNAY, CLÓVIS. Estácio de Sá – primeiro fundador e conquistador desta terra e cidade. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. XV, 1965, 16. P.197-205.

BORNHEIM, G. *O idiota e o espírito objetivo*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.

CHAGAS, M. e GOUVEIA, I. (Org.) *Museologia social*. Chapecó: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina/Unochapecó. Ano 27 – n.41-Dez.2014.

HABERMAS, J. *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.